

Diegese no conto *Uma história de Judas* de João Alphonsus Guimaraens

Sonia Maria Dal-Sasso¹, sdsasso@uol.com.br; Rilza Rodrigues Toledo²

1. Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), MG; professora na Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG.
2. Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), MG; professora na Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), Visconde do Rio Branco, MG.

RESUMO: Neste artigo, fez-se uma (re)leitura do conto **Uma história de Judas**, de João Alphonsus Guimaraens. Para isto, foram evidenciadas as figuras de diegese, a intertextualidade e os elementos da narrativa. Foi abordada, também, a relação do discurso literário com outros discursos.

Palavras-chave: sincretismo, traição e diegese.

RESUMEN: Diegese en el cuento *Una historia de Judas* de Joao Alphonsus Guimaraens. En este artículo, se hace una relectura del cuento **Una historia de Judas**, de Joao Alphonsus Guimaraens. Para esto fueron evidenciadas las figuras de diegese, la relación textual y los elementos de narrativa. Fue abordada, también, la relación del discurso literario con otros discursos.

Palabras llaves: sincretismo, traición y diegese.

ABSTRACT: Diegese in the tale *A history of Judas* of João Alphonsus Guimaraens. In this article, a (re)reading of the tale *A history of Judas*, of João

Alphonsus Guimaraens was made. For this, the diegesis figures, the intertextuality and the narrative elements were evidenced. The relationship between the literary speech with other speeches was approached.

Keywords: syncretism, betrayal and diegesis.

Introdução

Neste texto, fez-se a (re)leitura do conto **Uma história de Judas**, de João Alphonsus Guimaraens, evidenciando os conceitos de sincretismo religioso, traição e diegese. Para isso, foram tecidos comentários sobre a história, conceituados traição e sincretismo religioso, e desenvolvido o texto a partir da análise do título. Foram identificadas as figuras de diegese, os elementos da narrativa e remissões a outros textos e, ainda, fez-se a abordagem da relação com outros discursos.

I – Releitura

O conto desenrola-se em torno de uma personagem que diz ser a encarnação de Judas Scariotes, o que permite talvez justificar o título **Uma história de Judas**. Um – artigo indefinido –, aliado a preposição “de” sugere indefinição, pois o conto relata a história de alguém, personagem indeterminada, que pode ser percebida de formas diferentes pelos leitores e não, a conhecida história do Judas, o Scariotes – o traidor de Jesus.

Traição e sincretismo religioso estão presentes em todo o texto, pois a história ocorre numa Sexta-feira da Paixão, Sexta-feira da Semana Santa, a grande semana do ano litúrgico da Igreja Católica, dia em que se comemora a Paixão e Morte de Jesus Cristo, quando Sizenando recebe a visita de um homem de preto que se diz ser a encarnação de Judas Scariotes. Tornam-se necessários aqui, os conceitos de sincretismo e traição.

Sincretismo: (lat. *Synkretismus*; ingl. *Syncretism*, franc. *Synchrétisme*), s.m. na filosofia: reunião artificial de idéias ou de teses de origens disparatadas (FERREIRA, 2001, p. 1589).

Traição: (Do latim *traditione*, entrega) s.f. 1. Ato ou efeito de trair-se. 2. Crime de quem, perfidamente, entrega denuncia, entrega alguém ou alguma coisa ao inimigo. 3. Perfídia, deslealdade, aleivosia (FERREIRA, 2001, p. 1675).

Observa-se no conto o sincretismo religioso, mesclam-se crenças. Espiritismo – doutrina baseada na crença da sobrevivência da alma e na comunicação dos vivos com os mortos, na reencarnação e Catolicismo – obediência aos dogmas, crença na ressurreição.

A personagem dita encarnação de Judas visita Sizenando pelo fato de este ter sido o único a lhe dedicar um pensamento de simpatia e vem lhe contar que o arquivo o qual Sizenando havia escondido de seu colega da repartição pública fora encontrado e o pior, assim, descobrira-se a traição dele ao colega. Pode-se dizer que marca o texto a repetição: traição e julgamento¹.

Na história bíblica, Judas traiu Jesus pelo desejo de ganhar dinheiro, pela cobiça de poder; ele queria um levante, uma rebelião que fizesse de Jesus o rei dos Judeus, aí sim, o Scariotes, o melhor preparado dos discípulos como se julgava, assumiria o controle da vida de Judá e, por decorrência, de todas as moedas. Seria famoso, rico, poderoso, porém o fato de ele reconhecer em Jesus o Messias e o arrependimento pela traição levam-no ao suicídio. No conto, Sizenando trai o colega de repartição supostamente por dinheiro, pois lhe queria o cargo. Judas encarnado induz Sizenando ao suicídio. Parece que Judas vem julgá-lo, o que pode remeter o leitor ao discurso jurídico, pois neste há sempre o julgamento no qual ocorre a inquirição de testemunhas e das partes, quando o aplicador do Direito usa da retórica e de mecanismos lingüísticos para produzir verdades e persuadir o júri, como afirmam João Bosco Medeiros e Carolina Tomasi, na obra **Português forense: Língua Portuguesa para curso de direito** (2005). Observa-se este mecanismo de persuasão quando Judas

A voz quente de Judas ciciou no seu ouvido esquerdo:
– O Senhor não tem no quintal uma figueira?
– Mas tenho no quarto um revólver.
– Então adeus. Até a eternidade! (ALPHONSUS, 1976, p. 51)

julga e induz o protagonista ao suicídio, após uma longa conversa em que se discutia a traição deste. Talvez, na passagem acima, ocorra a metonímia aqui simbolizada pela figueira, se entendido for que figueira, para o protagonista, remete à morte do Judas. Assim, Sizenando compreende a mensagem, deuse a sentença. Há de se observar também na expressão “A voz quente” a

1 Julgamento: Do latim *judicare*, de que se origina o verbo julgar, geralmente é o vocábulo tomado no sentido de decisão ou da própria sentença, proferida pelo juiz ou julgador, e que põe fim à demanda (SILVA, 2005, p. 795).

sinestesia e o valor sugestivo dela. O conto lembra o **Auto da Compadecida** de Ariano Suassuna, especificamente no aspecto religioso, na cena do julgamento. Nesta comparação, pode-se dizer que há o paralelismo de contraste no que se refere à sentença. No **Auto**, tem-se a absolvição de João Crilo, pois por intercessão de Nossa Senhora Ihe é permitido voltar à terra, como se vê nesta fala de Cristo:

Eu sei, mas que para você não fique cheio de si, vou Ihe confessar que já sabia que você ia se sair bem. Minha mãe já havia combinado tudo comigo, mas você estava precisando de levar um aperto.
Vá com Deus, João (SUASSUNA, 2005, p. 160 e 161)

Já no conto **Uma história de Judas**, há a condenação de Sizenando:

O senhor será condenado. E perderá o emprego, além da reputação, pois a falta é também funcional. Perderá tudo e ficará na miséria. MISÉRIA! (GUIMARAENS, 1976, p. 52)

Outro contraste pode-se identificar em relação ao tempo presente e passado, uma história de Judas e a história do Judas Scariots. Não se pode deixar de ressaltar o paralelismo de contraste nos planos religioso – Sizenando e a mulher, social – Sizenando e o leiteiro, e político – Sizenando e a criada. No final do conto, quando Sizenando mostra-se confuso, acredita estar sonhando com aquela situação – a visita do Judas encarnado – e resolve atirar no ouvido, pois assim, pensava ele, acordaria. Percebe-se que a metáfora sobrepõe-se à realidade.

Há a remissão ao discurso político na declaração de Judas ao dizer que costuma encarnar em políticos. Talvez esteja implícito, nesta passagem, o julgamento destes, se entendido for que eles são desacreditados pelo povo e condenados a terem seus corpos tomados pelo espírito de Judas. Este fato seria mais um paralelismo de contraste, entre ficção e realidade, pois no conto em análise, os políticos são os escolhidos, os preferidos para sofrerem os tormentos de Judas e, muitas vezes, na vida real, ao contrário, são os protegidos pela impunidade.

O tempo é cronológico, Sexta-feira Santa. Narrador em terceira pessoa, ocorre a visão por detrás, ele sabe do documento encontrado e parece prever a reação do protagonista. A presença da personagem encarnada é um paradoxo pela ótica da ideologia católica. Há também paralelismo de contraste em Sizenando e a esposa. Ela, religiosa, fiel à crença católica, guarda os dias santos e vai à igreja; ele se diz católico, porém se encontra em repouso em plena Sexta-feira

Santa, não cumpre com os deveres de cristão e, ainda, acredita no suposto encarnado e se deixa condenar.

Misterioso no texto também é que as personagens masculinas têm nomes sugestivos: Judas – conhecido como o traidor – e Sizenando, cuja sonoridade pode trazer à mente cinza, escuro, aquilo que é sem vida, parece até, caracterizando-o e, talvez, anunciando seu fim. Já as personagens femininas são mencionadas apenas como a criada e a mulher, como se fossem nada, ou sem denominação, pelo fato de, no conto, serem quase invisíveis, mero pano de fundo.

Nota-se ainda a representação simbólica de uma crença ou de uma cultura na utilização dos signos lingüísticos tais como: Judas, Semana Santa, traição, figueira e encarnação, o que requer do leitor a associação destes signos, significantes e significados, aos respectivos discursos.

O texto é também rico em lacunas: teria Judas voltado à terra para julgar Sizenando, pois este também havia traído? A personagem, encarnação de Judas, quem seria? Seria alguém a mando do colega traído para se vingar de Sizenando? Teria a personagem principal enlouquecido? Com as características da personagem central – homem comum, funcionário público como tantas outras, não muito alegre – teria o narrador a intenção comunicativa de sugerir ao leitor que Sizenando poderia ser qualquer pessoa? Estaria o narrador – ao descrever o Judas encarnado como um homem comum, que tenta justificar sua traição dizendo-se vítima, pois fez o que estava previsto para acontecer, alegando ter apenas assumido o papel de mártir – alertando o leitor para tantos Judas que há na sociedade?

Estas são lacunas que cabe a cada leitor completar, segundo suas crenças e seu conhecimento de mundo e, quem sabe, lacunas, sempre lacunas que fazem deste conto, dentre outras características, um texto literário rico em reflexões.

II – Considerações finais

Pode-se dizer que a leitura do conto **Uma história de Judas** enriquece o leitor pela literatura, uma vez que lhe possibilita ultrapassar os limites do real, do abstrato, para mergulhar numa reflexão profunda sobre os valores e credenciais que permeiam o homem e suas relações tão carentes de valores morais e éticos na sociedade atual. Carência evidenciada nas ideologias, nas ações e nas contradições da personagem Sizenando, pois ele é capaz de trair por vaidade o colega da repartição pública, é capaz de ter piedade de Judas, mas não é capaz de perdoar a si próprio, visto que se mata, por remorso ou, talvez, por temer à

condenação anunciada pelo suposto Judas. Carência evidenciada também nos reiterados julgamentos que acontecem durante a narrativa. Seja de Judas, de Sizenando, do colega de repartição, ou até mesmo do leiteiro, visto que, pela origem humilde, estaria condenado a trabalhar numa Sexta-feira Santa, segundo Sizenando, contrariando suas crenças religiosas. Assim, a literatura transpõe o real, imita a realidade e nesta transfiguração do real para a ficção parece convidar o leitor, na produção de sentido com o narrador do conto em análise, a interagir para resgatar valores morais e éticos que vêm se perdendo na história da humanidade.

Referências bibliográficas

ALPHONSUS, João. 3. ed. Uma história de Judas. In: **Contos e novelas**: galinha cega, pesca da baleia, eis a noite! Rio de Janeiro: Imago/MEC, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MEDEIROS, João Bosco; TOMASI, Carolina. **Português forense**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SILVA, De Plácido e. **Vocabulário jurídico**. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.